

Economia

Os custos da abertura comercial

■ Economistas do BNDES garantem que redução de empregos foi menor do que se esperava e empresas ganharam produtividade

CARLOS FRANCO

A abertura comercial feita pelo Brasil em 1990 provocou um aumento do consumo de 15,5% nos cinco anos seguintes. No mesmo período, a produtividade média da economia cresceu 3,7%, enquanto a oferta de emprego aumentou 9,9%, a mesma dos cinco anos anteriores, quando ainda vigorava um regime de restrição às importações. Ou seja, apenas 811.307 vagas foram criadas entre 1990 e 1995.

A taxa de crescimento do emprego chegaria, no entanto, a 11,8% não fosse a abertura comercial. A conclusão é de estudo dos economistas Maurício Mesquita Menezes e Sheila Najberg, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Para Maurício, esses indicadores dão conta de que, "ao contrário do que muitos pensavam, o custo da abertura comercial foi relativamente baixo em termos de emprego". E provocou, diz ele, ganhos de produtividade, obrigando empresas a investirem em equipamentos e mão-de-obra.

Alguns setores, porém, sentiram mais fortemente os reflexos da abertura comercial. A indústria extrativa, por exemplo, registrou queda no emprego de 17,5% no período 1990-95, em oposição ao setor de serviços, que cresceu nessa mesma proporção. A explicação para a queda nas vagas da indústria extractiva é o salto de 27,7% na produtividade, o mais alto de todos os segmentos que Maurício e Sheila analisaram. Já o setor de serviços, quando o assunto é produtividade, apresentou queda neste indicador de 2,5%. Resultado da mão-de-obra desqualificada que migrou para o segmento. Mas a sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) está em ritmo crescente, ao contrário da indústria.

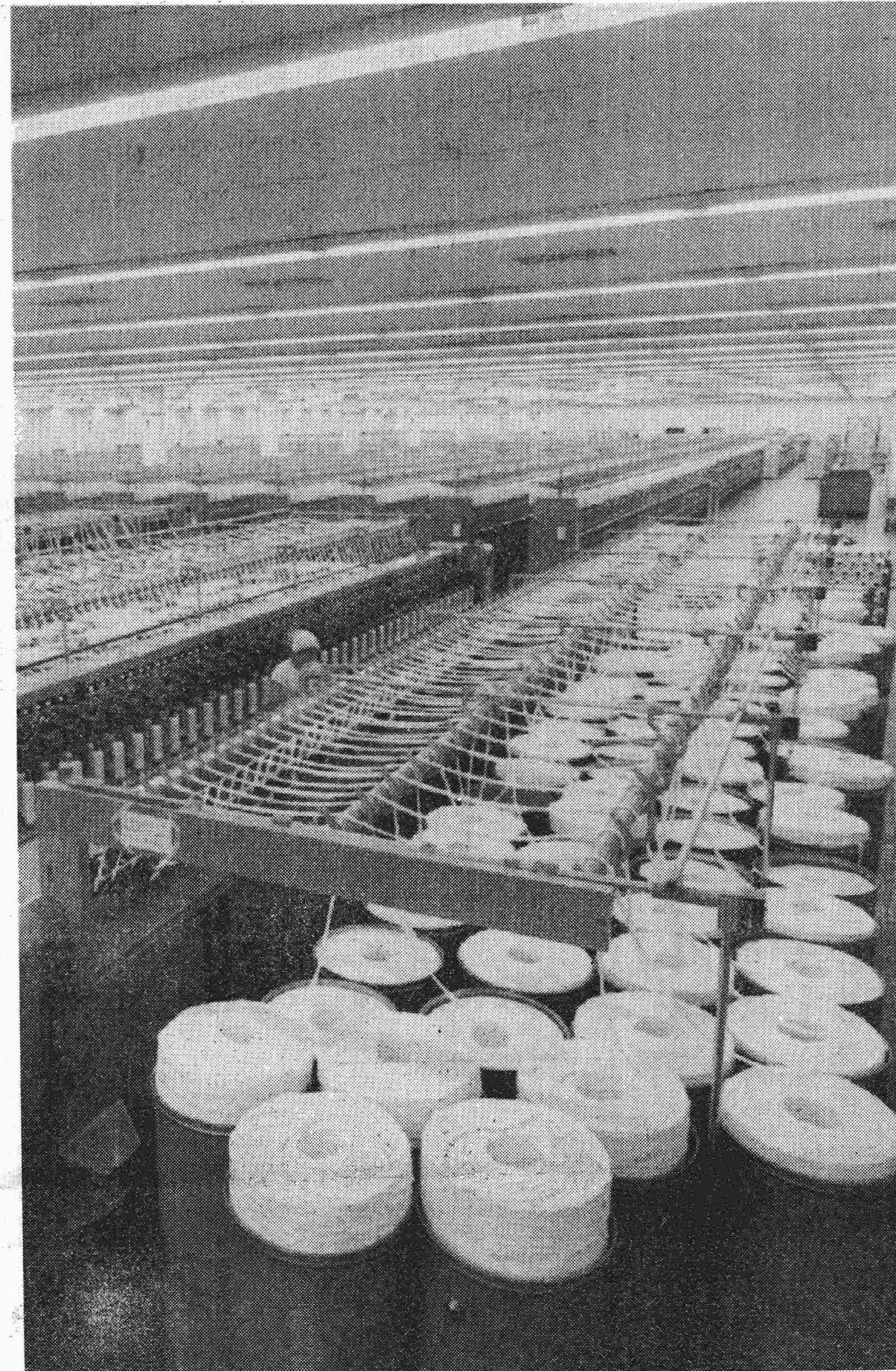
O economista Edward Amadeo, da PUC do Rio, vê com preocupação as transformações que o setor de serviços vem passando. "É o fenômeno que chamo de *Blockbuster*, que tem a ver com a profissionalização desses segmentos para onde se dirigiu a mão-de-obra desempregada pela indústria e onde começam a entrar empresas".

Faz sentido a preocupação de Amadeo. Até agora, o reflexo da abertura comercial no setor de serviços foi responsável por queda de apenas 0,6% nos postos de trabalho, de acordo com os dados coletados por Maurício e Sheila. E Amadeo, que tem acompanhado o comportamento do mercado de trabalho, não tem dúvida: "A mão-de-obra desqualificada está com os dias contados".

Já a agropecuária contabilizou aumento de 3,6% nos postos de trabalho no período 1990-95, reflexo direto da abertura comercial, que forçou investimentos sobretudo na produção de alimentos. O consumo de produtos agropecuários no país cresceu 22,7% no período analisado pelos economistas do BNDES. E o aumento de produtividade foi de 17,1%, fruto da mecanização. O impacto das importações sobre a agropecuária foi de modestos 1,9%.

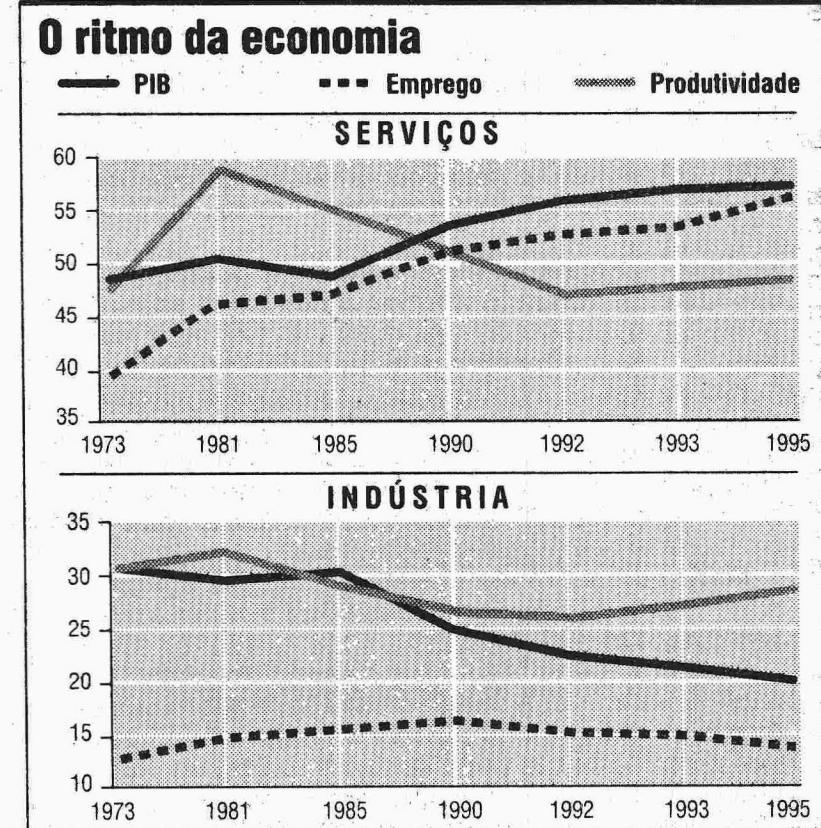
Outros setores da indústria de transformação como têxteis enfrentaram maiores dificuldades com a abertura comercial, principalmente porque haviam investido pouco em modernização. Nos setores de mecânica, material elétrico e comunicações também ocorreram demissões, motivadas por processos de automação para atender o aumento da demanda e a necessidade de reduzir custos.

Para Maurício, diagnósticos pessimistas quanto ao impacto de médio e longo prazo da abertura comercial sobre o emprego, "são infundados". E, prossegue, "retrocésos nesse processo nos levarão de volta a uma situação em que os incentivos deixavam ociosos os recursos que o país tinha em maior abundância, entre os quais a própria mão-de-obra". Ou seja, aqueles desqualificados, correram para o setor de serviços. E que, segundo Amadeo, estão correndo risco. Maurício destaca, porém, que sem produtividade não será possível crescer numa economia globalizada, e sem crescimento não há solução possível para o emprego".



Coteminas: um exemplo de empresa competitiva do setor têxtil, que convive com outras ultrapassadas

Arquivo



Arquivo